ISSN: 2358-8829

SABERES E CULTURAS DE COMUNIDADES TRADICIONAIS EM SERGIPE: TESSITURAS A PARTIR DE UM CADERNO SENSORIAL

Gabrielly Divina Santos Silva [1]
Vitória Emmanuelle dos Santos da Silva [2]
Suellen Moura Rocha [3]
Isabela Santos Correia Rosa [4]
Aline Lima de Oliveira Nepomuceno [5]

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço que prioriza a transmissão de saberes científicos e acadêmicos, que são produzidos nas universidades, uma vez que sua função é propiciar o acesso ao saber elaborado (Saviani, 2011). Esses saberes são passados para os alunos através de uma transposição didática que organiza esses conhecimentos no currículo escolar e alcança os estudantes por meio das disciplinas escolares. Sob essa ótica, as instituições de ensino frequentemente priorizam repertórios acadêmicos em detrimento das vivências comunitárias dos discentes, evidenciando a urgência em integrar saberes que rotineiramente permanecem à margem do ambiente escolar.

De acordo com P. Silva (2017), aproximar-se dos saberes tradicionais presentes nas sociedades brasileiras, bem como de seus costumes e práticas cotidianas, possibilita compreender a influência da pedagogia da oralidade e dos saberes não escolarizados na formação humana. Dentro de comunidades tradicionais, como as de matriz africana, mencionadas pela autora (P. Silva, 2017), a oralidade desempenha papel fundamental na transmissão da história e da ancestralidade ao longo de gerações, sendo importante no processo de educação e como mecanismos de resistência a processos históricos de dominação.

Segundo Brasil (2007), “povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais.” No território sergipano, essa pluralidade manifesta-se através de quilombolas, indígenas, marisqueiras, catadoras de mangaba, e tantas outras comunidades tradicionais que constroem nosso estado. Vale ressaltar que essas comunidades possuem sistemas cognitivos próprios, que fundamentam suas identidades,

[1] Licenciada em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, divinagabrielly9@gmail.com;
[2] Licenciada em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, vemanuelly033@gmail.com;
[3] Licenciada em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, suellenrmoura@gmail.com;
[4] Professora orientadora: Professora do Departamento de Biologia, da Universidade Federal de Sergipe - UFS, isabelarosa@academico.ufs.br.
[5] Professora orientadora, Doutora em Educação (PPGED-UFS). Departamento de Biologia (DBI-UFS- CCBS), alinenepo@academico.ufs.br.

perpetuados geracionalmente via oralidade (Brasil, 2024). Nesse contexto, os mais velhos exercem papel fundamental na transmissão desses saberes, transmitindo por meio da memória aquilo que foi experimentado por eles. Esses saberes, que são portados pelos avós, acabam sendo mais valorizados dentro das culturas tradicionais, que recebem a missão de mestres, contribuindo na formação dos indivíduos mais jovens. Dentro de comunidades tradicionais, como a dos artesãos de cerâmica de Santana do São Francisco-SE, estudados pelo Silva (2016), os mestres de cerâmicas são vistos na comunidade como autoridade do saber fazer.

A transmissão oral de informações no âmbito familiar e comunitário contribui para a disseminação de conhecimentos que não são necessariamente aprendidos na escola, mas que emergem das vivências cotidianas (Dantas, 2010). Conforme Crepalde *et al.* (2019), a integração dos conhecimentos tradicionais às aulas de Ciências pode contribuir para o desenvolvimento da cidadania, da tolerância e do respeito às diferentes culturas, aos diversos saberes e às distintas formas de compreender o mundo.

Nesse sentido, cabe aos documentos oficiais que regem a educação no Brasil oferecer apoio aos professores para promover discussões como essa no espaço escolar, dando visibilidade aos saberes dessas comunidades. Diante da necessidade de materiais que apoiem o docente nas discussões acerca das comunidades tradicionais e de seus saberes, foi desenvolvido o caderno sensorial como recurso de apoio aos educadores, considerando a carência de materiais pedagógicos e de orientações curriculares sobre esse tema.

O objetivo deste trabalho é analisar os princípios de desenvolvimento para a construção de um caderno sensorial, bem como um guia didático, que problematize os saberes e culturas de comunidades tradicionais em Sergipe.

O PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, em que os dados são interpretados com base no seu significado, a partir do contexto em que estão inseridos (Miranda; Ribeiro, 2024) e descritiva, quanto ao seu objetivo. Segundo Prodanov e Freitas (2013), na pesquisa descritiva “o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados, sem interferir neles”.

Sobre os procedimentos técnicos, a presente investigação se classifica como uma Pesquisa de Natureza Interventiva, do tipo em Desenvolvimento (Teixeira; Megid Neto, 2017), por investigar o desenvolvimento de um produto, que no caso, se trata de um caderno sensorial em conjunto com um guia didático. Este último, trazendo informações sobre as comunidades tradicionais exploradas no caderno, além de sugestões de discussões que

poderiam ser exploradas pelo professor em seu planejamento pedagógico. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica por meio de consulta a livros, artigos científicos e teses relacionadas às comunidades abordadas a partir do motor de busca *Google* Acadêmico, da plataforma Oasis e o Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe (RI/UFS). A busca foi fundamentada em abranger sobre as comunidades tradicionais e recursos didáticos sensoriais, a fim de construir embasamento teórico sólido e aprofundar as discussões no material.

A CONSTRUÇÃO DO CADERNO SENSORIAL E DO GUIA DIDÁTICO

O caderno sensorial apresenta saberes, práticas culturais e aspectos religiosos de quatro grupos tradicionais de Sergipe: as Mangabeiras do bairro Santa Maria, em Aracaju; o Quilombo Porto d'Areia, em Estância; o Quilombo Mussuca, em Laranjeiras; e as Marisqueiras de Muculanduba, em Estância. Para além de possibilitar o conhecimento e a aproximação com diferentes comunidades tradicionais do estado, o caderno configura-se como um instrumento pedagógico voltado à valorização e ao reconhecimento dos saberes tradicionais, por meio da exploração dos sentidos. A proposta busca promover uma experiência de aprendizagem sensível e imersiva, mobilizando o tato, a audição, o olfato e outros estímulos sensoriais associados aos modos de vida, às práticas culturais e aos elementos presentes nas comunidades apresentadas. Dessa forma, o caderno favorece a curiosidade, a interação e a construção de conhecimentos a partir de uma experiência que articula aspectos culturais, sociais, ambientais e religiosos, contribuindo para o reconhecimento e a valorização da diversidade sociocultural de Sergipe.

Para a confecção do Caderno Sensorial, foram utilizados diferentes materiais e recursos. A Inteligência Artificial foi utilizada nas etapas iniciais da construção do caderno para confecção dos esboços das páginas. As autoras criaram o prompt com as ideias dos elementos e dos materiais que usariam nas páginas e após esta etapa, deu-se início a confecção.

A folha utilizada foi uma A3, redimensionada pelas autoras com altura de 36,6 cm e 24,9 cm de largura. Quanto aos demais materiais, foram escolhidos opções acessíveis, a fim de facilitar a reprodução desses elementos do caderno para os demais professores. Com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão acerca dos resultados obtidos sobre as páginas de cada comunidade, cada uma delas será abordada num subtópico.

O guia didático foi feito com o propósito de orientar o professor quanto ao uso do caderno e de possíveis discussões que podem ser feitas pelo docente para explorar as

informações presentes no material. O guia didático foi feito por meio de processador de texto e também foi utilizada Inteligência Artificial para confecção das ilustrações da capa.

Comunidade Quilombola Porto d'Areia, Estância-SE

A importância da Comunidade Quilombola Porto d'Areia para o município de Estância-SE reside no fato de seu território sustentar parte fundamental da identidade cultural local, sendo reconhecida como comunidade remanescente quilombola pela Fundação Cultural Palmares (2024). Nesse espaço se enraízam tradições que conferem ao município o título de de Capital Sergipana do Barco de Fogo (Lei Estadual nº 8.650/2020).

Em consonância com esse título, a tradição do Barco de Fogo envolve saberes transmitidos entre gerações, relacionados à pirotecnia, que envolve o manuseio da matéria-prima, até a montagem das espadas e de outros elementos pirotécnicos (Gomes, 2017; Alves, 2023; Santos; Lopes, 2024). Essas práticas preservam conhecimentos, contribuem para a geração de renda e fortalecem a continuidade cultural do Porto d'Areia (Alves, 2023).

A partir desses aspectos, no guia, a cultura é abordada por meio das manifestações e práticas tradicionais, os saberes são relacionados às técnicas de produção da espada e do barco de fogo, articulando conhecimentos tradicional e científico, e a religiosidade é apresentada como parte da identidade cultural, com destaque para as festas juninas.

Sob esse viés, a cultura local foi representada através de diferentes fatores. Como ilustrado na Figura 1a, a cultura do foi representada através de uma miniatura do Barco-de-fogo, confeccionada com palitos de picolé e caixas de fósforo, pintados e acoplados a um arame, a fim de simular o movimento. A composição retrata uma cena noturna junina, com lua, estrelas, fogueiras e bandeirolas. Ademais, foi elaborado um cordel sobre essa tradição cultural do Porto d'Areia, resgatando a herança dos fogueteiros, com auxílio da ferramenta de inteligência artificial generativa *Gemini* (*Google* LLC, 2026), depois adaptado e revisado pelas autoras.

Para representar os saberes tradicionais relacionados à produção de artefatos (Figura 1b), como a espada, elaborou-se uma arte que representa elementos, como a lua cheia, os bambus utilizados na confecção da taboca e o sal empregado em sua preservação da taboca (Alves, 2023). A composição apresenta a espada, sustentada pela figura de um fogueteiro, o qual foi construído com o auxílio da Inteligência Artificial (IA), por meio do *Gemini* (*Google* LLC, 2026).

[1] Arquivo do guia do Caderno Sensorial completo: GUIA DO PROFESSOR- Caderno Sensorial 2026.pdf

ISSN: 2358-8829

Ao representar a religiosidade (Figura 1c), foi confeccionado o santo padroeiro ligado à pesca, São Pedro, com feltro de diferentes cores e o acompanhando, a figura do peixe feita de EVA, além de uma pintura representando a água.

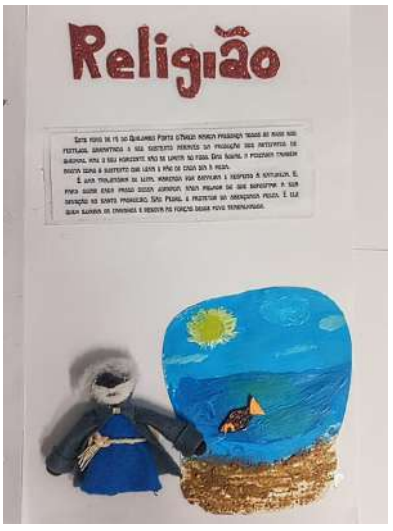
Figura 1a: Cultura



Figura 1b: Saberes



Figura 1c: Religião



Fonte: autoras (2026)

A articulação entre esses elementos evidencia o território como espaço de relações culturais. Conforme Dorsa (2023), a cultura e a territorialidade relacionam-se aos significados e vínculos estabelecidos com o espaço.

Mangabeiras do Bairro Santa Maria, Aracaju-SE

Mangabeiras são mulheres catadoras de mangaba. Conforme Silva Junior (2020) destaca, para as catadoras uma mangabeira é quem depende da mangaba como fonte de renda; que tem saberes associados a essa planta, desde o tempo de cultivo e a qualidade; que depende dos recursos da mangaba e do mangue; também é zela pela conservação da mangaba; é quem realiza trabalho árduo, enfrentando condições de fome e sede; é quem luta em defesa pelas mangabeiras e pelo direito ao acesso; é quem foge dos donos de sítios, largando os baldes (Silva Junior, 2020).

As mangabeiras possuem saberes que são construídos e narrados a partir de suas vivências, por exemplo seu conhecimento acerca das fases da planta, que envolve o desenvolvimento da planta e a reprodução. Para representar a comunidade e os seus saberes (Figura 2a), os principais materiais utilizados para a produção dos elementos dessa comunidade foram o feltro, linha de costura, fibra siliconada para enchimento, tecido, linha de

crochê, fita de cetim, miçanga, galho de árvore, isopor, *biscuit*, tinta para artesanato, clipe, velcro, cola branca e algodão cru. Parte dos materiais utilizados, nesse caso os de artesanato, refletem atividades manuais realizadas pela comunidade das mangabeiras do Bairro Santa Maria, como o bordado, fuxico (Figura 2b) e a confecção de bonecas de pano (Figura 2c) (*Instagram@Sosmangabeiras, 2023)*. Além dos elementos tridimensionais também foram utilizadas impressões com textos trazendo informações sobre alguns dos elementos explorados nas páginas. A fim de manter a durabilidade dos elementos textuais, estes foram plastificados.

A religiosidade da comunidade das mangabeiras é influenciada fortemente pelo catolicismo, algumas atividades realizadas pela comunidade demonstram essa influência, como o café partilhado. Este café é uma tradição da comunidade e costuma ocorrer mensalmente, e é marcado por um momento de acolhida, celebração da palavra, a partilha do café e uma roda de conversa, podendo haver outros momentos, dependendo da ocasião. Para representar esses elementos, foram representados a mangabeira (planta), utilizando o bordado, e a cruz de madeira para a representação da influência católica na comunidade (Figura 2d).

Figura 2a: Saberes. **Figura 2b:** Fuxico. **Figura 2c:** Boneca de pano. **Figura 2d:** Religião.



Fonte: autoras (2026)

Comunidade Mussuca, Laranjeiras-SE

Muçuca com "Ç"! Ao buscar o nome do povoado no *google*, encontra-se escrito como Mussuca. Para os moradores, segundo entrevista no ECO Nordeste (Santos, 2022), os moradores se referem ao povoado como Muçuca com "Ç", pois faz referência às raízes

indígenas. O povoado trata-se do maior quilombo do Estado, contando com 4 mil habitantes (Santos, 2022).

A comunidade vive da pesca. Segundo relatos de moradores para artigo do ECO Nordeste (Santos, 2022), eram pescados da maré: sururu, milongo, mutuca, miroró e camuru. A pesca, segundo Miranda (2018), é uma prática feminina, que promove a sociabilidade entre as moradoras. Além da pesca, também há o cultivo de culturas como a mandioca, feijão e milho (Miranda, 2018), e também o plantio de ervas medicinais. O plantio dessas ervas representa o tratamento médico ou pode ser utilizado ao mesmo tempo que tratamento médico desse quilombo (Miranda, 2018). Ervas como cidreira, pitanga, manjericão, capim santo e alfafa são utilizadas pela comunidade no banho e para consumo (chá). Os moradores utilizam as ervas como anti-inflamatório e relaxante. Aliado a outras plantas, são feitos xaropes utilizando, por exemplo, as flores da laranjeira e do mamoeiro, folhas de acerola, limão, alho, cebola vermelha e hortelã. O conhecimento do uso dessas plantas é passado por meio da aprendizagem com rezadeiras mais velhas, ou como dons. Segundo entrevista descrita no trabalho da Miranda (2018), os ensinamentos para plantio e uso de plantas medicinais é repassado entre os familiares. Em seu trabalho, a autora reforça a passagem dessas informações de geração em geração, entre os familiares e membros da comunidade, além do uso dessas plantas entre católicos e praticantes de cultos afro-brasileiros.

Para explorar os saberes tradicionais (Figura 3b) da comunidade, foram representados os conhecimentos da comunidade na cultura de espécies alimentícias, como o feijão e o milho. Também a relação de subsistência da comunidade com a pesca, representada pelo barco, a rede e o lambari - objeto utilizado para pescar; além de representar alguns dos animais que são pescados, peixe e ostras.

Em outras páginas contou-se sobre a história dessa comunidade afro-brasileira, que em meio a danças tradicionais como o samba de pareia retratam a resistência (Santos, J.M.F., 2024), assim como, a história das gerações, por meio de instrumentos musicais, vestidos e coreografias e composições festivas de uma cultura ancestral(Figura 3a). Por fim, ao abordar a religião da comunidade, foi utilizado a pintura e o boneco de feltro para dar vida aos elementos da Dança de São Gonçalo (Figura 3c), trata-se de um rito de devoção da comunidade, em que materializa-se a religiosidade através do ato de pagar promessas.

ISSN: 2358-8829

Figura 3a: Cultura **Figura 3b**: Saberes **Figura 3c**: Religião



Fonte: autoras (2026)

Desse modo, os elementos representativos da comunidade foram abordados através de diversos materiais. Isso possibilitou utilizar diferentes sentidos para explorar e valorizar os conhecimentos e manifestações das pessoas do povoado Muçuca .

Movimento Marisqueiras De Sergipe, Muculanduba-SE

O Movimento Marisqueira é formado por grupos de mulheres que se somam em diversas comunidades de Sergipe. Com isso, assim como na comunidade Muculanduba, os conhecimentos que auxiliam essas mulheres nas atividades diárias de pesca e mariscagem são empíricos. Desta forma, entre as raízes e as tocas onde se abrigam os animais, a vida flui por meio dessas mulheres que, em meio às águas, carregam conhecimentos ancestrais (Souza, 2025).

A história de uma comunidade está fortemente ligada ao seu processo de colonização e costumes desenvolvidos naquela região, como representado nas Figuras 4a, 4b e 4c. Com isso, no movimento Marisqueira é evidente uma cultura litorânea, por meio de mariscagem de siri, sururu, camarão, ostra, aratu, caranguejo e massunim (Suzart, 2015). Em meio a cultura Sergipana que é fortemente associada a gastronomia de receitas com peixes e mariscos, as Marisqueiras de Muculanduba agregam a comunidade com experiência e sabores. A moquequinha de folha é um dos pratos criados pelas marisqueiras da região da Praia do Saco, em Estância, em que a carne de aratu é cuidadosamente temperada, envolvida em folhas de

bananeira e levada ao preparo artesanal, preservando o sabor tradicional do mangue, podendo ser servida com arroz, salada, farofa ou cuscuz (Souza, 2025).

A união entre os conhecimentos, artefatos tradicionais e o mangue, compõe o que é ser Marisqueira, um trabalho árduo, realizado coletivamente que levou a fundação do movimento (Souza, 2025). Atualmente, as mulheres Marisqueiras estão inseridas em diversas comunidades, unindo-se com outros movimentos e desempenhando um processo de sensibilização pelas causas de igualdade social, padronização do preço do pescado e combate a violência de Gênero (Tavares, 2020).

Para confeccionar as páginas da comunidade, foram utilizados inicialmente esboços realizados à mão, ilustrando elementos que auxiliam o dia a dia das Marisqueiras, e os mariscos mais coletados, como: aratu e ostras, sendo importantes para rentabilidade das famílias (Suzart, 2015). A ideia inicial era que as ilustrações permanecessem no projeto final do caderno, mas houveram dificuldades quando a confecção de todas as páginas desse modo, a partir dos padrões de enquadramento dos elementos. Com isso, a partir das três páginas previamente desenhadas, foi utilizada a IA para confecção de desenhos mais característicos.

Figura 4a: Cultura



Figura 4b: Saberes

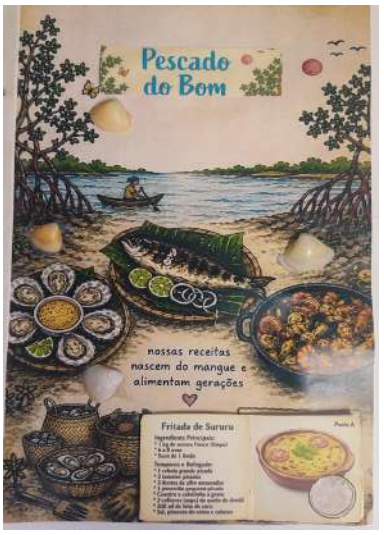


Figura 4c: Religião



Fonte: autoras (2026)

Com intuito de criar um recurso interativo, foram utilizados técnicas sensoriais olfativas para representar as receita de Fritada de Sururu, Ostra com cuscuz e Tainha na Folha de bananeira, recursos voltados ao Tato e multimídias, auxiliando a mediação pedagógica na transmissão, recepção e processamento (Oliveira, 2025), que possibilite aos alunos a organização do que está sendo apresentado e assimilação com os conhecimentos prévios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste estudo, o objetivo geral foi fazer quanto à análise dos princípios envolvidos na construção do caderno sensorial voltado à abordagem dos saberes e das culturas de comunidades tradicionais de Sergipe. O processo possibilitou representar e discutir elementos culturais das comunidades contempladas, contribuindo para ampliar sua visibilidade por meio da construção de um caderno sensorial.

Entretanto, cabe ressaltar que o material elaborado pelos autores não foi submetido a um processo formal de validação. Assim, estudos futuros poderão avaliar sua aplicabilidade e contribuição para as práticas pedagógicas, especialmente no que se refere à abordagem dos saberes e das culturas de comunidades tradicionais de Sergipe.

Para além de possibilitar o conhecimento de algumas das comunidades tradicionais de Sergipe, este caderno sensorial configura-se como um instrumento pedagógico que promove a valorização dos saberes tradicionais por meio da exploração dos sentidos. Explorar o toque, o som, o cheiro e outros elementos sensoriais que despertam a curiosidade e a imersão de elementos pertencentes às comunidades apresentadas. Por fim, conclui-se que este recurso tem potencial na valorização dos saberes tradicionais, atuando como uma ponte entre os saberes científico e tradicional.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais, Recurso didático, Sensorial.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cristiane Cardoso Barbosa. **Vozes delas**: das produções de fogos às narrativas identitárias da Comunidade Quilombola Porto D'Areia. Orientadora: Ana Maria de São José. 2023. 218 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2023. Disponível em: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/17748. Acesso em: 2 out. 2026.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: planalto.gov.br. Acesso em: 15 set. 2026.

BRASIL. **Diretrizes para o atendimento de povos indígenas e povos e comunidades tradicionais em programas de segurança alimentar e nutricional**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2024. 56 p. Disponível em: https://mds.gov.br/webarquivos/MDS/2_Acoes_e_Programas/Acesso_a_Alimentos_e_a_Agua/Articulacao_de_Politicas_Publicas_de_SAN_para_Povos_e_Comunidades_Tradicionais/Arquivos/Cartilha_Diretizes.pdf. Acesso em: 5 fev. 2026.

CREPALDE, Rodrigo dos Santos; KLEPKA, Verônica; PINTO, Tânia Halley Oliveira; SOUSA, Mikaella de. A Integração de Saberes e as Marcas dos Conhecimentos Tradicionais: Reconhecer para

Afirmar Trocas Interculturais no Ensino de Ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, *[S. l.]*, v. 19, p. 275–297, 2019. DOI: 10.28976/1984-2686rbpec2019u275297. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4931. Acesso em: 2 out. 2026.

DANTAS, Vanda Maria Campos Salmeron. **Nas marés da vida**: histórias e saberes das mulheres marisqueiras. 2010. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/items/feefc508-5d1e-4c01-a98f-6cceb68ec396. Acesso em: 2 out. 2026.

DORSA, Arlinda Cantero. **O território cultural**: espaço de saberes e paisagens construídas. *Interações*, Campo Grande, v. 24, n. 1, p. 1-4, jan./mar. 2023. DOI: https://doi.org/10.20435/inter.v24i1.4013. Acesso em: 16 ago. 2026.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **TABELA_DE_CRQ_CERTIFICADAS**. [S. l.: s. n.], [2024]. 1 planilha eletrônica. Disponível em: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1WBjixnnjJWrDXsA2WvElj65rrZ4nkNM-u5LclRV0lGs/edit?gid=680278480#gid=680278480. Acesso em: 17 set. 2026.

GOMES, Roberta de Jesus. **Redes, teias e laços na produção de fogos**: tradição e ressignificação em Estância, SE. 2017. 136 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/7937. Acesso em: 2 out. 2026.

MIRANDA, Fernando Gonçalves. **Memória das árvores**: um estudo etnoarqueológico na Mussuca (Laranjeiras/SE). 2018. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Departamento de Arqueologia, Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018. Disponível em: http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/8021. Acesso em: 17 set. 2026.

MIRANDA, Francisca Juliana; RIBEIRO, Rogeane Morais. Manual de metodologia da pesquisa científica: diretrizes e métodos: manual adotado nas disciplinas de metodologia científica, projeto de pesquisa e TCC. Sobral-CE, 2024.

OLIVEIRA, Mirla Guimarães Linhares de; LIMA, Glaucia Posso; VASCONCELOS, Manoel George Lourenço; LEITE, Michael Douglas Sousa. Alterações sensoriais e aprendizagem escolar na educação infantil: uma revisão integrativa. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 18, n. 10, e21245, out. 2025. DOI: https://doi.org/10.55905/revconv.18n.10-030. Acesso: 17 ago.2026.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. E-book. Disponível em: feevale.br. Acesso em: 2 out. 2026.

SANTOS, Isabela dos; MAIA, Leonardo. O corpo território e as transformações no quilombo Muçuca. Agência Eco Nordeste, 14 jul. 2022. Disponível em: https://agenciaeconordeste.com.br/povos-tradicionais/o-corpo-territorio-e-as-transformacoes-no-quilombo-mucuca/. Acesso em: 03 mar. 2026.

SANTOS, Jessica Araujo dos; LOPES, Edinéia Tavares. Saberes e fazeres da Espada de Fogo: possibilidades para a Educação em Ciências na Educação Escolar Quilombola. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 1–21, 2025. DOI:https://doi.org/10.14393/REPOD-v14n12025-75607. Acesso em: 2 out. 2026.

SANTOS, Jouse Mara Ferreira. **Episteme de negras: o samba de pareia como fundamento identitário.** Orientadora: Alexandra Gouvêa Dumas. 2024. 139. Dissertação (Mestrado).Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. (Coleção Educação Contemporânea). ISBN 978-85-85701-09-3.

SERGIPE. [Lei nº 8.650, de 15 de janeiro de 2020]. Confere ao Município de Estância, no Estado de Sergipe, o título de "Capital Sergipana do Barco de Fogo". **Diário Oficial do Estado de Sergipe**, Aracaju, n. 28.355, 16 jan. 2020. Disponível em: https://al.se.leg.br/Legislacao/Ordinaria/2020/O86502020.pdf. Acesso em: 17 set. 2026.

SILVA JUNIOR, Josué Francisco da; MOTA, Dalva Maria da; RODRIGUES, Raquel Fernandes de Araújo; SCHMITZ, Heribert; GOMES, Dérick Lima. **Importância da tecnologia social**: estratégias para o empoderamento das mulheres catadoras de mangaba em Sergipe. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2020. 1 folheto. (Documentos, 238). Disponível em: https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1129424/1/DOC-238-20-Embrapa-Tabuleiros-Costeiros.pdf. Acesso em: 21 abr. 2026.

SILVA, Daniela Barros Pontes e; FLORENCIO, Saulo Pequeno Nogueira; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. Educação pela tradição oral de matriz africana no Brasil: ancestralidade, resistência e constituição humana. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, Tempe, v. 26, n. 91, p. 1-18, jul. 2018. DOI: https://doi.org/10.14507/epaa.26.3518. Acesso em: 2 out. 2026.

SOSMANGABEIRAS. A Boneca Dona Zenaide. *Instagram.* 13 fev. 2026. Disponível em: https://www.instagram.com/p/ConhOPTuJS0/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA== . Acesso em: 15 abr. 2026.

SOUZA, Maria José Santos de et al. Território, trabalho e alimento: marisqueiras e pescadoras artesanais em Sergipe. 2. ed. São Cristóvão: [s.n] , 2025, 80 p.

SUZART, Emanuele Maria Leite. **Entre a terra firme e a terra molhada**: reprodução social das marisqueiras/catadoras de mangaba do povoado Pontal, SE. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015. Disponível em: https://ri.ufs.br/handle/riufs/4210.

TAVARES, Raíra Pereira; PEREIRA, Mônica Cox de Britto. Mulheres do mangue e da restinga: relato de experiência sobre as marisqueiras e catadoras de mangaba do município de Estância, litoral sul de Sergipe, Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 3, p. 1-8, 2020. Anais do III Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia. Disponível em: https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6379.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini; MEGID NETO, Jorge. Uma proposta de tipologia para pesquisas de natureza interventiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 23, n. 4, p. 1055-1076, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/1516-731320170040013. Acesso em: 17 set. 2026.